

## Matriz energética brasileira - O mercado não resolve

LESSA, Rogério. "Matriz energética brasileira - O mercado não resolve". Monitor Mercantil. Rio de Janeiro. 10 de julho de 2009.

Na opinião de Roberto d'Araújo Pinho, consultor na área de energia elétrica e ex-integrante do conselho administrativo de Furnas, existe uma distorção na metodologia do sistema de leilões de energia elétrica, "fazendo com que as gerações mais caras sejam as que mais têm vantagem." O engenheiro se diz um "crítico feroz" do modelo e defende a elaboração de outro estudo sobre custo marginal de operação. "Na Inglaterra, quando uma usina está com preço acima do mercado, ela não liga. No caso brasileiro, é permitido vender acima sob o argumento do benefício que traz ao sistema como um todo. Ou seja, no leilão não ganha a geração mais barata, mas o melhor índice de custo benefício, que é uma conta feita em escritório, com base em simulação."

D'Araújo Pinho reprova o "desmonte do planejamento realizado pelo Governo Fernando Henrique". Para ele, não há novas hidrelétricas "por conta do enorme hiato de novas candidatas, já que a ideologia "o mercado resolve" dominava a década passada", opina, criticando o resultado do leilão A-5, de 2008, que toma como (mau) exemplo, devido à supremacia das térmicas. "Foi um "estranho resultado" para um país dotado de tantos recursos naturais. Como poderia o detentor de um dos maiores potenciais hídricos do planeta realizar um certame por novas usinas e obter 75% de usinas térmicas movidas a óleo combustível e carvão, caras, poluidoras e movidas por combustíveis não renováveis?", indaga.

Uma usina a diesel, por exemplo, só deve ser ligada em último caso, segundo o consultor, para evitar racionamento. O custo do racionamento (déficit homologado pela Aneel) é R\$ 2.700 para cada 1 mil megawatt/hora, quase seis vezes o custo da térmica mais cara.

ONS isento

Apesar de o país permitir a comercialização de uma energia que não necessariamente é a mais barata, o engenheiro pondera que "o sistema brasileiro não tem semelhante no mundo" e ressalva que o Operador Nacional do Sistema (ONS) tem critérios distintos daqueles usados pelo mercado na hora de decidir por acionar uma usina térmica. Por essa razão, ele não faz coro à reprovação de muitos especialistas do setor, que criticaram duramente a decisão do Operador Nacional do Sistema (ONS) de manter acionadas usinas térmicas a gás este ano, diante dos elevados níveis dos

reservatórios das hidrelétricas sem que isso fosse explicitado para os brasileiros. "O problema é a metodologia, que está em choque com o operador. A questão é bem mais complexa, pois poderíamos ter situações preocupantes mesmo com reservatórios cheios. Basta que o operador veja atrasos de obras ou crescimento de mercado para que o sistema fique estressado", comentou, esclarecendo que a água pode estar sendo guardada para o ano seguinte, "se o operador acha que o mercado vai demandar mais que o esperado, ou haverá seca". Por esse motivo, D"Araújo afirma ser um equívoco pensar que geração hidráulica será sempre a mais barata. "Ao preservar a água, o operador pode estar evitando um gasto maior no futuro ou um racionamento."

#### Mercado futuro

Sendo assim, o engenheiro reitera sua reprovação ao modelo escolhido pelo Brasil. "A energia que compõe esse mercado não é a gerada pelas usinas, pois é comercializada, através de certificados, antes de a usina estar operando. O operador adota essa metodologia, mas tem sido mais conservador e interfere na metodologia porque teme riscos. É um critério mais rígido do que aquele que determina os certificados de energia do mercado", disse, acrescentando que o ONS "se preocupa com o mundo físico e, se acha que há risco de faltar água nos anos seguintes, ele bloqueia."

O engenheiro fez questão de excluir as usinas nucleares dessa lógica, já que, segundo ele, não podem ser desligadas a toda hora. "Uma vez desligadas, as usinas nucleares demoram a voltar a funcionar. Além disso, elas têm custo de operação baixo. O padrão é manter funcionando", explicou.

#### Defesa de Furnas

Se, por um lado, minimiza as críticas ao ONS, D"Araújo Pinho se coloca ao lado daqueles que defendem Furnas Centrais Elétricas, por acharem que a estatal está sendo prejudicada pelo modelo. Para ele, que chefiou o Departamento de Mercado da companhia, ela possui contratos de compra de energia gerada por terceiros, inclusive, por parte relacionada, sendo que para esta os preços de aquisição têm sofrido majorações superiores àquelas dos preços obtidos pela companhia nos leilões de energia. Esses contratos têm causado uma redução da margem operacional da companhia, estando a sua administração promovendo gestões junto a sua controladora e às autoridades reguladoras no sentido de eliminar os impactos causados por esse desequilíbrio.

"Este seria o caso da térmica de Cuiabá, que tem custo de geração acima do custo médio de operação das hidrelétricas. Furnas tem contrato de compra desse certificado, mas isso não quer dizer que a usina esteja gerando. É um sistema complexo, que faz desconfiar do modelo. Furnas paga para uma térmica, mas o mercado é virtual, de papel. Não é um mercado físico", resumiu.

#### Fontes primárias

Por sua vez, o também consultor Joaquim Francisco de Carvalho afirma que o Brasil, administrando bem os sistemas hídrico, eólico e térmico por bagaço de cana, "pode perfeitamente dispensar as térmicas a carvão ou a gás." Ele critica o Governo Lula que, apesar de não ter criado, consolidou o modelo do governo anterior. "A Dinamarca tem 20% da energia gerada por matriz eólica. Aqui, o Governo Lula subaproveita a possibilidade de integração sinérgica entre os potenciais citados acima".

Quanto às usinas nucleares, Carvalho contesta a tese do baixo custo de geração. "O custo de geração nuclear está em US\$ 113,66 por megawatt/hora, pouco inferior ao do carvão mineral (US\$ 134), porém muito acima do custo de geração numa hidrelétrica

como a do Rio Madeira (US\$ 46), ou do etanol do bagaço de cana (US\$ 46), ou, ainda, do gás natural (US\$ 79). Isso leva a estranhar também a opção pelas termelétricas a carvão ou a gás, que tem sido feita nos últimos leilões de energia nova", enfatizou.